



Interrogando o pensamento crítico latino-americano

Durante o século XX, o pensamento crítico latino-americano foi se desenvolvendo graças ao árduo trabalho de alguns intelectuais que começaram a reinterpretar nossa história à luz de suas particularidades e idiossincrasias. Muitas gerações de pensadores sociais – dentre os quais José Carlos Mariátegui talvez seja o representante mais emblemático – foram construindo a história de nossos países com leituras originais e inovadoras. A Cepal e as posteriores teorias da dependência souberam ampliar esta revolução copernicana nas relações centro-periferia redesenhando uma abordagem teórica na qual o pensamento crítico se desenvolveria durante as décadas posteriores.

No contexto das grandes e turbulentas mudanças pelas quais a América Latina e o mundo passaram durante as últimas décadas, não podemos deixar de nos questionar sobre os supostos teóricos que deveriam orientar hoje nossas reflexões e estudos, dando continuidade ao esforço analítico dos responsáveis por tornar o pensamento crítico uma fonte de inspiração regional, inovadora e criativa. Com a finalidade de contribuir com o debate necessário sobre os rumos do pensamento crítico contemporâneo, consultamos destacados intelectuais cuja obra teórica nos permitiu compreender o presente e o futuro da América Latina e do Caribe. Nossa objetivo foi encontrar contribuições que nos permitissem especificar as características centrais que definem hoje o pensamento crítico, tanto do ponto de vista temático quanto de seus métodos e perspectivas de análises.

Como parte indissociável dos processos históricos, o pensamento crítico não foi imune à contraofensiva conservadora que viveram e vivem nossas sociedades no plano teórico e ideológico. Trata-se, portanto, de fazer um balanço destas transformações no campo teórico e constatar se a recuperação da iniciativa política e social por parte das forças de esquerda se reflete no plano intelectual como um novo impulso de criação teórica.

Emir Sader – Secretário Executivo do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e Diretor do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pablo Gentili – Secretário Executivo Adjunto do CLACSO e Diretor da FLACSO Brasil

Carlos Altamirano (Argentina)

Sociólogo argentino. Investigador do Conicet e professor da Universidade Nacional de Quilmes, onde dirige o Programa de História Intelectual. Integrante do Conselho de Direção da *Prismas – Revista de História Intelectual*.

Em minha opinião, não apenas a ideia, mas também a expressão do *pensamento crítico* é moderna e indica um discurso que, em forma de tese, do ensaio, o panfleto ou artigo põe em questão uma ordem estabelecida (ou uma instituição central dessa ordem), em nome de determinados valores, no geral, os da verdade e da justiça. De acordo com este critério, o oposto do pensamento crítico é o conformismo, cínico ou resignado, e a ideologia que emana dos poderosos e de suas dependências. Obviamente, na América Latina há uma rica tradição de discurso que responde a esta rápida caracterização e se desenvolveu basicamente ao redor de duas temáticas: a opressão social, frequentemente combinada ou conjugada em nossos países com a opressão racial; e a condição dependente dos países do subcontinente. Essa tradição, que se alimentou dos conflitos e movimentos coletivos locais e da recepção das diferentes correntes do pensamento social moderno, desde o anarquismo até o socialismo, não constituiu um espaço intelectual com fronteiras estritas, fechado em si mesmo. No final do século XIX e começo do século XX o mesmo se vê associado ao liberalismo, sobretudo na denúncia das ditaduras, e desde a década de 1920 a crítica antiimperialista uniu o pensamento de esquerda aos temas nacionalistas.

Se na atual etapa há um refluxo do pensamento crítico na região? Acredito que os anos decididamente ruins, de estancamento, nos quais se oscilou entre a defensiva, a reação negadora e a melancolia pelos bons e velhos tempos, foram os anos 1990. E nessa paralisação gravitou tanto o terremoto cultural – que foi a derrubada do socialismo realizado na Rússia e nos países do Leste Europeu – como seu outro lado da moeda, a expansão que parecia sem desafios nem rivais do capitalismo neoliberal. Este tempo passou, a experiência do neoliberalismo produziu estragos, o capitalismo entrou numa crise de efeitos universais e uma série de fatos e processos políticos tornou mais variada a paisagem política latino-americana. De toda forma, as dificuldades do pensamento crítico não provêm somente do exterior, mas de si mesmo, de suas resistências a refletir sobre seus fra-

cassos, não apenas sobre suas derrotas, sempre atribuíveis, em última instância, aos recursos do adversário.

Do meu ponto de vista, e embora admita que se trata de uma aposta, o pensamento crítico não pode fazer nada mais que se orientar à esquerda, mesmo que a esquerda nem sempre tenha sido o leito do pensamento crítico. Com respeito às tradições que a pergunta menciona, em particular as do marxismo, o pensamento da dependência e as teorias da democracia – que são os legados que encerram mais riqueza vigente – acredito que a atitude pode ser somente a de atrever-se a pensar com eles, mas também contra e além deles, sobre os guias para uma ação coletiva encaminhada a tornar mais livres e mais igualitárias nossas injustas sociedades.

Edelberto Torres-Rivas (Guatemala)

Sociólogo guatemalteco. Doutor em Desenvolvimento pela Universidade de Essex, Inglaterra. Doutorado Honoris Causa da FLACSO. Organizador e primeiro diretor do Programa Centro-americano de Ciências Sociais do conselho Superior Universitário Centro-americano (CSUCA), São José da Costa Rica.

Por “pensamento crítico”, entendo os momentos da consciência social latino-americana que respaldam uma vontade de transformação social, que estimulam a crítica radical da ordem capitalista, abrindo possibilidades para uma superação das relações de exploração e subalternidade existentes. É uma etapa que se abriu com a Revolução Cubana e se fechou com o fracasso sandinista: o projeto de uma sociedade socialista. Sem estas referências históricas, o pensamento crítico é somente socialismo de cátedra. Tudo aquilo que apoiava uma leitura revolucionária da necessidade de transformação retrocedeu. Há uma tradição crítica, porém descontínua, com um discurso antissistêmico, como uma *razão subversiva*; com lutas populares pela terra, pela democracia e pelo poder; culturais, pela concepção de uma identidade latino-americana, a qual se faz a passos longos. O pensamento crítico não teve nomes nem sobrenomes, mas em sua produção não vejo escola ou discípulos, exceto algumas vontades subversivas.

A força subversiva se reconhece por sua *capacidade para alterar, transformar, desordenar*. Não é elogio do caos, mas a desordem que antecede uma nova ordem. Um paradoxo pareceria redefinir o campo analítico: as lutas contra as ditaduras dos anos 70, plenas de capacidade subversiva, estimularam o discurso crítico ao sistema na mesma medida em que as vitórias democráticas terminaram debilitando-o. A forma política – a democracia liberal – correspondeu ao conteúdo econômico do neoliberalismo: *a liberdade de mercado foi compatível com a liberdade política*, acordo este que significou a preeminência da economia sobre a política, na qual os interesses do grande capital foram os ganhadores absolutos. Isto explica que na América

Latina a democracia política, desde os anos 1980, com eleições, pluralismo, liberdades de organização e expressão, jogo parlamentar, foi acompanhada da falência do sindicalismo operário, da erosão do valor do trabalho, da perda dos direitos sociais, do aprofundamento da pobreza com aumento das desigualdades. Então, o Estado subsidiário já pôde ser democrático.

Ocorreu uma derrota em diferentes frentes: o capitalismo se refez após os anos 1970, a ferocidade da repressão desorganizou o que depois a economia debilitou: a força do trabalho. A vitória cultural do neoliberalismo é a crise da política e do pensamento subversivo. Por diferentes razões, aquela vitória é paralela à crise do marxismo. Ambas as crises foram anteriores ao desastre do socialismo real dos anos 1990, o que produziu uma derrota ambidestra. Da teoria e da história, da razão e da *práxis*. A reflexão intelectual extraviou o sentido do poder ao substituir o campo da luta de classes para instalar-se na competição eleitoral, na reivindicação do desenvolvimento humano, nas políticas de coesão social. *Pari passu*, a fragilidade do pensamento crítico deixa o universo do saber em mãos da análise empírica, do individualismo metodológico, a teoria dos jogos; expulsando a história de uma realidade micro-sociológica e fractionada. Algumas disputas são ganhas hoje em dia na América Latina através dos governos de esquerda, Estados com políticas sociais sem financiamento e lutas para uma nova gravitação do pensamento crítico. Mas esperamos que este não se esgote nos novos sistemas do multiculturalismo, a ecologia, o sexism, as migrações, as drogas. Uma nova dimensão do mercado com outras formas de subordinação e exploração do trabalho surgiu, assim como formas concentradas de exercer poder, sem controle, inevitável. Deve-se renovar o subversivo para que não existam propostas irrenunciáveis.

Sem força subversiva, ou seja, sem perspectiva de poder, o desafio frente à ordem se transforma em sua aceitação. Sem poder de subversão, a crise do pensamento crítico se confunde com o pensamento único. Sem movimento revolucionário não existe teoria revolucionária. A América Latina é a única região do mundo em desenvolvimento onde a democracia é hoje quase universal. Ao mesmo tempo, se transformou na região mais desigual do mundo. *É preciso passar da crítica da democracia à crítica do sistema?* Este é outro paradoxo, reforçado porque o fim do socialismo real modifica a antinomia clássica. Agora vamos do socialismo científico ao utópico. É possível alterar os rumos, mas a construção de alternativas não passa pela destruição do sistema, mas por sua modificação. A visão crítica só é subversiva quando podem ser identificadas as profundas carências detrás das novas alternativas para reformar as expressões de poder, violento, explorador e excluente que levam à revolução?

Não. Enquanto o conteúdo subversivo forem as reformas, a utopia reinventada não será o socialismo, mas sim a incapacidade do capitalismo para seguir adiante. Uma utopia crítica. Devemos aprofundar o diagnóstico, reforçar o ânimo subversivo, imaginar o futuro. Não é possível, atualmente, ir mais adiante. Este é apenas o ponto de partida, não sabemos ainda aonde se pode chegar.



O agravante da crise do pensamento crítico é a opacidade do futuro, a transitória incapacidade de prevê-lo, imaginá-lo e alcançá-lo. O pensamento único terá força quando já não existir uma alternativa de futuro. Socialista? O nome não tem importância, mas que apareça essa dupla condição subversiva, uma *práxis* política, as lutas sociais, a força da organização de massas; e uma elaboração intelectual a qual o marxismo antes sustentava.

Carmen A. Miró (Panamá)

Demógrafa panamenha. Diretora do Centro Latino-americano de Demografia, Santiago do Chile, 1958-1974. Prêmio Mundial de População das Nações Unidas, 1982. Compartilha o mesmo Doutorado Honoris Causa da FLACSO que Fernando Henrique Cardoso, Ricardo Lagos, Juan Carlos Portantiero e, recentemente, com Luiz Inácio Lula da Silva.

A expressão “pensamento crítico” foi utilizada em meios acadêmicos latino-americanos para designar, em termos gerais, as correntes de opinião que diferem do chamado “pensamento único” neoliberal, do marxismo-leninismo do terceiro quarto do século XX e do pensamento liberal-desenvolvimentista dominante em nossas sociedades entre as décadas de 1950 e 1970, cujos remanescentes mantêm uma importante presença inercial nos âmbitos institucional e acadêmico, e na linguagem da vida cotidiana.

O lugar e o caráter do pensamento crítico, portanto, devem ser compreendidos a partir de sua relação com o pensamento único, o paleo-marxista e o liberal-desenvolvimentista em diferentes dimensões de nossa vida social e política.

Na dimensão histórico-social, por exemplo, o paleo-marxista propõe que as ideias dominantes são as ideias da classe dominante. Já o pensamento liberal-desenvolvimentista supõe que as tarefas do pensamento têm vida e âmbito próprios nas esferas da universidade, do governo e da empresa privada. O pensamento crítico, por sua vez, propõe que a fonte mais importante de reflexão e conhecimento sobre o social, o econômico e o político reside nos conflitos inerentes ao desenvolvimento da própria sociedade, os quais incluem os âmbitos universitário, governamental e empresarial, mas não se reduz a eles, pois inclui ainda as culturas emergentes nos novos movimentos sociais.

Na dimensão histórico-cultural, as três correntes anteriormente mencionadas convergem ao considerar o desenvolvimento cultural da região a partir do conflito entre a civilização (Ocidental) e a barbárie (indígena). O pensamento crítico, por sua vez, concebe esse desenvolvimento a partir do conflito entre métodos de conhecimento gerados desde outras experiências civilizatórias, e uma cultura própria carente de meios de conhecimento gerados a partir de si mesma. Aqui reside o verdadeiro núcleo da questão, tal como havia advertido José Martí em 1895, ao dizer que em nossa América não há conflito entre civilização e barbárie, mas “entre falsa erudição e natureza”.

Contradições deste tipo não são novas na história da cultura latino-americana. Foi através de suas primeiras manifestações, por exemplo, que Bartolomé de Las Casas chegou a se tornar, já no século XVI, o primeiro intelectual autenticamente hispano-americano, não por sua cultura de origem, mas daquela outra, original e nossa, cujas sementes soube semear. Hoje podemos afirmar que se o pensamento único tem suas raízes na tradição liberal concebida na cultura das sociedades que se vinculam entre si através da bacia do Atlântico Norte, o pensamento crítico latino-americano encontra as suas em diversas vertentes do pensamento e a prática social e política latino-americanas, entre as quais se destacam, por exemplo, as seguintes:

- a tradição democrática proveniente do liberalismo radical latino-americano do final do século XIX e princípio do século XX, de acentuado caráter antioligárquico;
- a tradição socialista latino-americana que vai de José Carlos Mariátegui a Ernesto Guevara;
- a Teologia da Libertação;
- o renascer dos saberes indígenas no campo sociocultural e político; e
- as diversas variantes do pensamento altermundista do Atlântico Norte.

É a partir destas raízes que o pensamento crítico contribui para com a formação de uma nova cultura política latino-americana. Neste terreno, a frágil articulação das entidades acadêmicas da região com os novos movimentos sociais de seus próprios povoados constitui um sério problema para a elaboração de uma síntese superior do pensamento crítico latino-americano que não seja cópia, mas criação própria, como queria Mariátegui, do socialismo indo-americano de seu tempo.

Publicado originalmente na Revista *Crítica y Emancipación* (Ano I, Nº2, Buenos Aires, CLACSO, 2009). Disponível também em: www.biblioteca.clacso.edu.ar

Os Cadernos de Pensamento Crítico Latino-Americano constituem uma iniciativa do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) para a divulgação de alguns dos principais autores do pensamento social crítico da América Latina e do Caribe. São publicados mensalmente nos jornais *La Jornada* do México e *Página 12* da Argentina e nos *Le Monde Diplomatique* da Bolívia, Chile, Colômbia, Espanha, Peru e Venezuela. No Brasil, os Cadernos do Pensamento Crítico são publicados em parceria com a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) na Revista Fórum.

CLACSO é uma rede de 300 instituições, que realizam atividades de pesquisa, docência e formação no campo das ciências sociais em 28 países (www.clacso.org).

FLACSO é um organismo internacional, intergovernamental, autônomo, fundado em 1957, pela Unesco, que atua hoje 17 Estados latino-americanos (www.flacso.org.br).

APOIAMOS a COMISSÃO da VERDADE

Argentina - 1983

Bolívia - 1982

Brasil - ?

Chile - 1990/2001

Colômbia - 2005

El Salvador - 1992

Equador - 2007

Guatemala - 1997

Haiti - 1995

Honduras - 2010

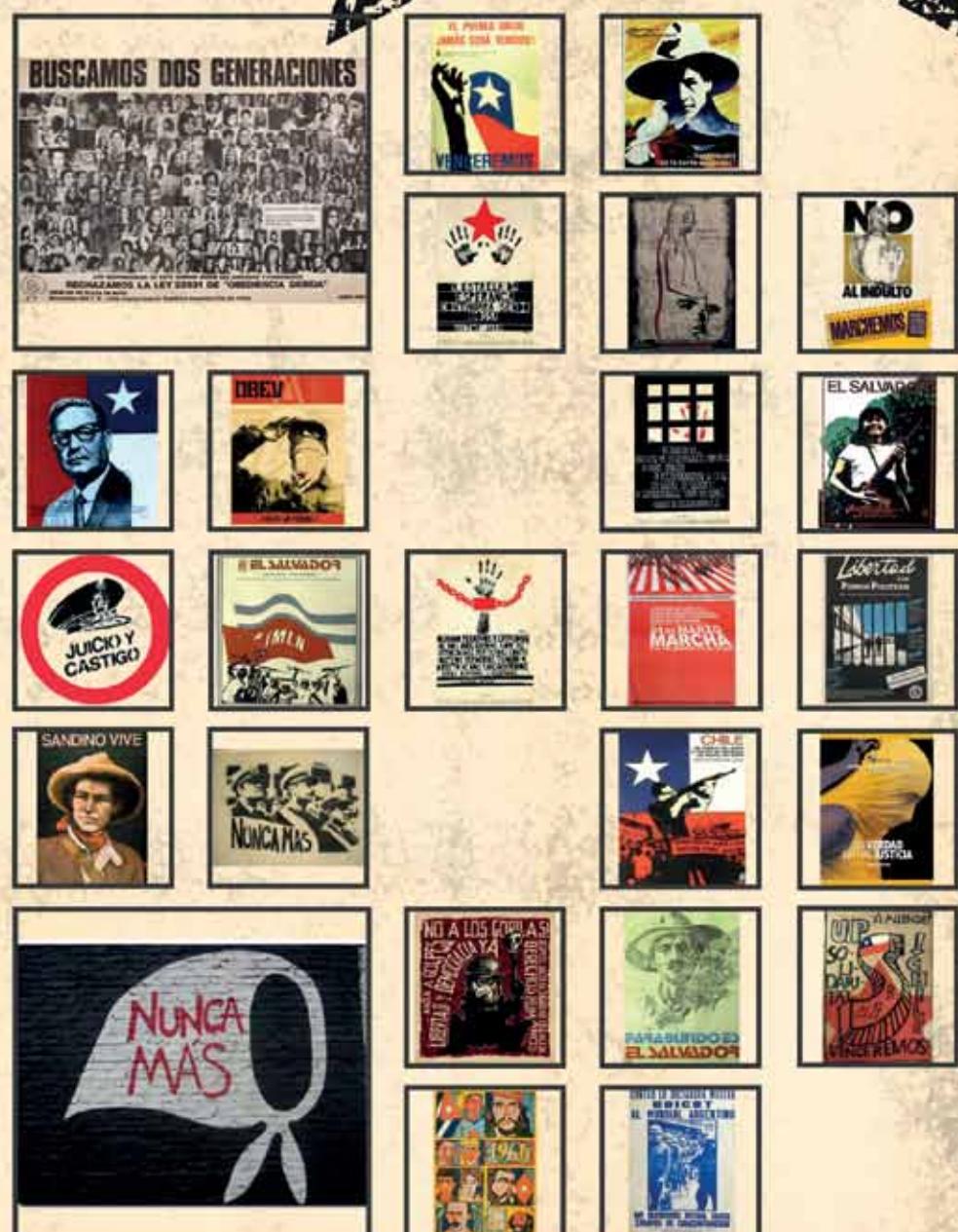
Panamá - 2001

Paraguai - 2003/2011

Peru - 2000

Uruguai - 1985/2000

Listagem de países latino-americanos em que se instituiram Comissões da Verdade e suas respectivas datas de inicio



Apoiamos o Projeto de Lei que cria a Comissão Nacional da Verdade (PL 7.376/10)

No Brasil e na América Latina, PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA
www.flacso.org.br



OS POVOS SÃO
SUA MEMÓRIA

uma campanha da Flacso Brasil